



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - FAC
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE - DAP
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

JHOALERSON ALVES DIAS

JUNINA

Brasília - DF

2022

JHOALERSON ALVES DIAS

JUNINA

Trabalho apresentado ao Curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Gonçalo Pires de Campos Martins

Brasília - DF

2022

JHOALERSON ALVES DIAS

JUNINA

Trabalho apresentado ao Curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Aprovado pela Banca Examinadora em 14 setembro de 2022.

Prof. Dr. Pablo Gonçalo Pires de Campos Martins
Orientador - FAC/UnB

Prof. Dr. Gustavo de Castro da Silva
FAC/UnB

Prof. Dr. Mauricio Gomes da Silva Fonteles
FAC/UnB

AGRADECIMENTOS

Vejo neste trabalho a representação da minha jornada através da educação, que foi garantida pela batalha de minha mãe, Maria Aparecida Alves Dias, e de meu pai, João Dehon Dias da Silva, que sempre se preocuparam com minha formação e apoiaram minhas escolhas. Por isso, agradeço a eles. Agradeço também a meu irmão, Jhoanderson Alves, pelo carinho e companheirismo de sempre, mesmo com a distância física.

Cursar esta graduação apenas foi possível pelo apoio fraterno e grandioso do meu melhor amigo, Gabriel Lopes, e de toda sua família, da qual tomei emprestado minha segunda mãe, Dona Léia, uma mulher de generosidade incalculável a quem tenho muita admiração. Minha gratidão à família Lopes. Agradeço a minha companheira, Helena Ribeiro, pelo apoio incondicional em todas as fases deste trabalho e por fazer parte da minha vida, o que me torna uma pessoa melhor a cada dia que passo ao seu lado.

Descobri que passei na UnB pela ligação de meu querido amigo, Vinícius Esbell, que estava quase tão ansioso pelo resultado quanto eu. Agradeço a ele por ter me dado essa notícia tão importante e por, mesmo morando longe, estar sempre por perto. Estudar na UnB me trouxe experiências incríveis, como conhecer amigos que vão ficar para sempre na minha vida. Agradeço a Daniel Sousa, Giovanni Ruggeri e Carlos Rocha por todos os momentos que tive a oportunidade de compartilhar suas companhias. Pela disponibilidade na concessão de entrevista, agradeço a Rosana Marinho, cuja experiência foi fundamental para o desenvolvimento deste roteiro. Agradeço também a Emília Silberstein, que me guiou em um primeiro momento nos caminhos deste trabalho e a Pablo Gonçalo, meu orientador, que contribuiu com um olhar muito atento e enriquecedor para a estruturação da pesquisa e do roteiro.

Agradeço a todos os técnicos, servidores e professores da UnB, que, todos os dias, contribuem para a formação de muitos estudantes. Sou muito grato por estar cercado de pessoas tão competentes durante minha jornada e fico feliz de saber que tantos outros também terão a oportunidade de realizar seus sonhos por meio da educação.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é um memorial descritivo da pesquisa e da escrita de *Junina*, roteiro de curta-metragem de ficção que tem como ponto de partida a mudança de uma jovem e sua mãe para uma cidade do interior nordestino, que faz com que a garota se envolva com a dança de quadrilha junina e revele um segredo que a vinha consumindo. O desenrolar deste trabalho aborda processos, características, referências e escolhas que compuseram o roteiro, assim como um apanhado sobre a tradição dos festejos juninos dentro da cultura popular, especialmente no interior nordestino. Foram realizadas entrevistas com ex-dançarinas de quadrilha, que contribuíram com suas experiências. O trabalho aborda as motivações que se fizeram relevantes para o desenvolvimento da pesquisa e a escrita do roteiro em si.

Palavras-chave: Quadrilha junina; Festa junina; Roteiro de curta-metragem.

ABSTRACT

This final work is a descriptive memoir of the research and the writing of *Junina*, a short fiction screenplay that has as its starting point a young girl and her mother's change to a northeastern countryside town, which causes the girl to get involved in the *quadrilha junina* dance and to reveal a secret that had been consuming her. The development of this work approaches processes, characteristics, references and choices that composed the script, as well as an overview of the tradition of the June festivities in popular culture, especially in the northeastern countryside. Interviews were conducted with former *quadrilha* dancers, who contributed with their experiences. The work addresses the motivations that were relevant to the development of the research and the writing of the script itself.

Keywords: *Quadrilha junina*; *Festa junina*; Short film script.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quarto de oração de minha avó.....	15
Figura 2 – Casal de noivos em apresentação do Arraiá de Chique Xique.....	21
Figura 3 – Rua em cidade do interior nordestino.....	25
Figura 4 – Motocicleta como meio de transporte principal.....	26
Figura 5 – Ônibus de viagem na estrada.....	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
ROTEIRO.....	10
PERSONAGENS PRINCIPAIS.....	14
QUADRILHA JUNINA.....	16
PROCESSO CRIATIVO.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29
APÊNDICE A – PRIMEIRO TRATAMENTO DO ROTEIRO.....	30
APÊNDICE B – TERCEIRO TRATAMENTO DO ROTEIRO.....	49

Introdução

Junina é um roteiro de curta-metragem que tem como ambientação uma cidade do interior do Nordeste na época dos festejos juninos. Essa contextualização traz consigo elementos marcantes da cultura popular, como os enfeites, comidas típicas, músicas características e, sobretudo, a dança de quadrilha. Ela é bastante aguardada dentro dessas festividades por conta de sua tradição, esplendor visual, animação contagiante e humor, que atravessa as encenações que acontecem dentro das apresentações.

Mesmo marcantes no imaginário e na cultura popular, as festas juninas não costumam aparecer em produções audiovisuais de ficção. *Junina* é uma aposta de roteiro de filme que tem como um dos pilares a dança de quadrilha praticada dentro das festividades tradicionais do mês de junho no interior nordestino.

Para falar sobre esta temática, além de referências bibliográficas, foram feitas entrevistas com ex-dançarinas de quadrilhas. Isto acrescentou camadas à pesquisa e ao roteiro em si, que se fortaleceu com os relatos, sempre na busca de uma verossimilhança ideal ao trabalho, que estaria entre as licenças criativas tomadas na narrativa e a fidedignidade à cultura e à tradição popular retratadas.

O roteiro apresenta paralelos internos, dentre eles alguns presentes na estrutura do casamento encenado que acontece dentro da quadrilha. Ele segue uma trama costumeira de gravidez sem planejamento, famílias que forçam um casamento, noivo que foge do compromisso firmado pelos genitores e que, por pressões maiores, acaba por aceitar o matrimônio. Tal estrutura é reflexo de uma sociedade que, de certa forma, é conivente com tais resoluções. Por mais que a própria encenação dentro das apresentações esteja mudando e se adaptando nas chamadas quadrilhas estilizadas, o que é um reflexo das metamorfoses que acontecem na sociedade como um todo, há um forte resquício religioso que permeia essas festividades e está nas tradições de muitas famílias, tendo ditado passados e futuros a partir de rígidas doutrinas.

O processo de escrita do roteiro teve diferentes fases ao passar do tempo. No início, por mais que a estrutura principal da história estivesse definida, algumas motivações não estavam bem construídas, o que resultou em diálogos expositivos,

compensatórios e redundantes. Com o passar do tempo, das revisões e correções, foram assimiladas novas referências, tanto fílmicas, quanto bibliográficas, que impulsionaram o trabalho a ganhar corpo e criar novas camadas. Para isso, um importante passo foi entender a história das personagens antes do período em que se passa o filme. De onde vieram? Quais seus interesses? Que segredos guardam? As respostas dessas perguntas fortaleceram as personagens e as deram profundidade, o que fez com que a narrativa de *Junina* se beneficiasse e evoluísse em relação ao primeiro tratamento. A título de comparação, tanto a primeira quanto a última versão do roteiro estão nos apêndices deste trabalho.

Outro pilar importante de *Junina* é a gravidez não planejada da protagonista, camada que foi acrescentada ao roteiro no decorrer do processo de escrita. Este é um segredo que a jovem Flora guarda para si e que a faz ficar confusa e sem rumo, principalmente depois da mudança de cidade que faz para acompanhar sua mãe. É nessa viagem que a história acontece e que são criados e resgatados os laços com a quadrilha junina de Flora e de Maria, sua mãe. A tradição da dança de quadrilha junina assimilada por Flora é, mesmo que indiretamente, uma conexão com sua mãe, que também dançou no passado. Os paralelos entre as camadas das vidas das duas e as relações entre si movem a narrativa de *Junina*.

Alguns dos elementos e motivações presentes no roteiro vieram de experiências particulares e de pessoas próximas a mim. Minha mãe, uma das entrevistadas, dançou quadrilha por alguns anos em sua juventude e as histórias que ela contava sobre esse período me marcaram bastante. Esses relatos nostálgicos foram de extrema importância para a escolha dos elementos que compõem o roteiro. Em conjunto com toda a pesquisa e devaneios criativos, eles formaram a narrativa que aqui apresento e que carrega bastante de mim, da minha família e da minha terra.

Roteiro

O roteiro é um curta-metragem ficcional e se inicia com a chegada de Maria e Flora, mãe e filha, na cidade do interior nordestino que Maria se criou e onde sua mãe ainda vive. As duas se acomodam na casa de Dona Carla, avó de Flora. A decisão da mudança para essa cidade foi de Maria, e Flora ficou emburrada com a notícia, mas acompanhou a mãe.

Na nova escola, Flora conhece Joana e elas se tornam colegas. As duas participam de uma quadrilha junina improvisada que é composta pelos alunos, pais e professores. Flora toma gosto pela dança. Joana a leva para conhecer a quadrilha competitiva em que sua irmã dança e, ali, Flora se aperfeiçoa e busca uma vaga para competir no ciclo junino daquele ano. Mesmo com a integração por meio da quadrilha e das novas amizades, Flora ainda se ressentida com a mãe por conta da mudança de cidade. Quando o vestido da noiva da quadrilha é roubado das mãos de Flora no dia da apresentação, ela se desmonta e conta para sua mãe que está grávida.

A história se passa nos dias atuais. Essa escolha se deu por conta, principalmente, da diferença de época em que Maria dançava quadrilha. Ainda em sua juventude nos anos 1990, a mãe de Flora participou de competições, interpretando o papel da noiva em uma dessas ocasiões. Por mais que tenham se passado vários anos entre as experiências de dança de Maria e de Flora, a estrutura das quadrilhas e competições se manteve em diversos aspectos, mesmo tendo passado por mudanças. Isso demonstra a força dessa tradição dentro da cultura popular, que se perpetua com o avanço das gerações e se adapta às novas percepções de mundo que os novos participantes vêm a agregar. A continuidade da tradição de mãe para filha é um símbolo dos laços e de reconexão entre as duas, que compartilham de algo em comum tão significativo.

Durante o processo de desenvolvimento do roteiro, pensei, principalmente, na motivação que fez com que as duas fizessem essa viagem. Maria, quando mais nova e ainda moradora dessa cidade do interior, dançava quadrilha frequentemente e, em uma das apresentações, conheceu o pai de Flora, com quem manteve um namoro escondido e engravidou. Contextualmente, considerando a época desse namoro (anos 1990), o acesso à educação sexual e métodos contraceptivos em

idades do interior era precário e encarado como um tabu, tendo em vista o caráter conservador religioso que pairava sobre muitas famílias, inclusive a de Maria.

Descoberta a gravidez pela família, o pai de Maria forçou o casamento dela com o pai de Flora. Esse é um paralelo com a encenação do casamento que acontece dentro da apresentação da quadrilha junina, em que, geralmente, há uma gravidez não planejada e as famílias dos namorados mudam os status deles para noivos e celebram um casamento religioso por conta da gravidez. Contudo, o bebê nasceu e, com menos de uma semana de vida, veio a óbito. Esse acontecimento abalou fortemente Maria, que, algum tempo depois, se mudou para uma cidade grande com seu marido, numa tentativa de se desvencilhar do ambiente em que teve esse trauma.

Ainda, essa decisão foi tanto um ato de independência, quanto de afronta ao seu pai. Maria, por mais que tivesse afeição pelo pai de Flora, não pensava em se casar naquele momento. A única alternativa imposta por seu pai foi que ela se unisse ao homem de quem havia engravidado, o que evitaria que a desonra sobre a família. Essa imposição fez nutrir em Maria um sentimento de antipatia e rancor pelo próprio genitor. Para ficar longe dele e de sua influência, ela e seu marido a foram embora dali para tentar a sorte em outro lugar.

Depois de um tempo, Maria engravidou novamente. Flora cresceu nessa metrópole, longe da vida do interior que seus pais tinham. O pai dela saiu de casa quando ela ainda era criança. Mãe e filha seguiram juntas. Flora conheceu um colega mais velho da escola e os dois têm um romance, que ocasionou na gravidez de Flora. Esse colega ficou nervoso com a ideia de Flora ter um filho e insistiu para que ela abortasse. Nesse meio tempo, o avô de Flora faleceu, o que renovou as esperanças de Maria de voltar para sua cidade natal. Sem a presença do homem que forçou seu casamento, Maria encontrou forças para retornar e levou Flora consigo.

Por medo da situação, Flora não conta à mãe o que estava acontecendo com ela. A viagem desfaz, naquele momento, os planos do aborto. Flora está confusa. Ela tem forte essa opção do aborto por conta da pressão do colega de quem ela engravidou, mas essa mesma pressão não dá espaço para que ela pensasse sobre o que ela quer para si mesma. Afastar-se desse colega e ir para um ambiente novo

e com novas possibilidades faz, ao mesmo tempo, com que Flora fique aflita por não seguir o plano do aborto, o qual havia se conformado, e aliviada por ter espaço para pensar sobre o que fazer, mesmo com muitas dúvidas e inseguranças. É com essa instabilidade que Flora chega na nova cidade, confusa e aborrecida. Ela trata a mãe como a culpada por interromper um plano que ela não havia sequer mencionado e que ela mesma não tem certeza se quer seguir. Por outro lado, se abre a oportunidade de pensar por si mesma os caminhos que quer trilhar, por mais difícil que isso seja.

A dança de quadrilha que Flora se interessa, além do paralelo criado com a história da mãe, é uma das formas que ela encontra para se expressar nessa nova cidade. A amizade que se cria entre ela e a personagem Joana é mais uma conexão com esse novo ambiente e, a partir disso, Flora se sente à vontade o suficiente para aprender e competir na quadrilha junina.

As festas juninas, presentes nas histórias de Flora e Maria por conta da dança de quadrilha, representam uma conexão geracional entre as duas. Ao mesmo tempo em que tiveram experiências nessa dança, elas também carregam histórias com similaridades em relação à gravidez não planejada. Maria teve parte de seu futuro definido pela escolha do seu pai, mas Flora, a princípio, conta com a compreensão da mãe e da avó. Dona Carla, ainda na época do casamento da filha, sentia uma antipatia por seu marido. Um casamento desgastado pela personalidade grossa e intransigente do pai de Maria fez Dona Carla perder o encanto por este homem, mas não ao ponto de se separar dele por conta de uma moral religiosa. Estar casada com ele foi um castigo que Dona Carla pagou em vida, além da distância que foi criada com sua filha, pois Maria não conseguia se ver morando perto do pai novamente depois do que ele a obrigou a fazer.

O desenvolvimento das histórias pregressas das personagens principais foi importante para a estruturação do roteiro. Entender de onde vieram e quais suas experiências anteriores dá força às ações e embasa as motivações. De acordo com Field (2001), “a vida interior de seu personagem acontece a partir do nascimento até o momento em que o filme começa. É um processo que forma o personagem.” Assim, o processo de busca pelas vidas interiores das personagens foi marcante para a tentativa de se alcançar uma verdade narrativa dentro da história. Esse

exercício contribuiu, inclusive, para melhor se trabalhar as especificidades linguísticas e comportamentais de cada personagem. A partir do afinamento da escrita com os tratamentos do roteiro, foram incorporados elementos nos diálogos e nas ações de forma individualizada. Por exemplo, Dona Carla sempre viveu no interior do Nordeste, o que a faz carregar gírias e expressões típicas da região. Flora, por sua vez, criada em uma grande capital, tem um outro linguajar com outras expressões. Esses contrastes são detalhes que deram um pouco mais de profundidade ao texto.

Personagens principais

Flora: Criada em uma grande capital, Flora é uma jovem tímida, mas nem tanto. Sente-se segura em ambientes que conhece e perto de amizades de seu convívio. Tem formação informal em dança de rua e dança contemporânea, algo que encara como hobbies. Ao engravidar, Flora se apavorou e ficou à mercê das decisões tomadas pelo jovem de quem ela engravidou. Após a saída de seu pai de casa, a relação da jovem com a mãe não foi a mesma, o que criou um distanciamento entre as duas. Por isso, Flora não buscou a mãe como conselheira neste momento atribulado. Informada que as duas mudariam para a cidade natal de Maria, Flora se ressentiu com a mãe por conta das interrupções nos planos que eram armados para ela pelo jovem de quem engravidou. Contudo, para manter o segredo, não consegue confrontar a mãe na intenção de ficar na cidade em que estão.

Maria: Carismática e com olhar sofrido, Maria deixou sua cidade natal no interior do Nordeste com seu esposo. Seu pai a forçou a se casar com o colega dançarino de quem engravidou sem planejamento. Pouco tempo depois do casamento, Maria perdeu seu filho com menos de uma semana de vida. A dor da perda e o ressentimento com seu pai pelo fato de ser forçada a casar depois de engravidar fez com que Maria se mudasse para uma cidade grande. Batalhou bastante para se firmar na capital, teve Flora e passou a morar sozinha com ela depois que seu marido saiu de casa para começar outra família. Sempre buscou se conectar de forma mais intensa com a filha, mas as longas jornadas de trabalho exercidas para que pudesse manter a casa a afastaram desse objetivo. Após a notícia da morte do pai, Maria reuniu coragem e decidiu voltar ao seu local de origem para viver perto de sua mãe, levando Flora consigo.

Dona Carla: Amiga da vizinhança, católica e sem muitos rodeios, a mãe de Maria viveu muitos anos em um casamento que não lhe trazia felicidade. Aprendeu a costurar desde cedo e nunca mais parou. Essa habilidade lhe trouxe uma renda independente durante muitos anos. É devota de Nossa Senhora Aparecida e de Padre Cícero. O principal motivo que fez com que seu casamento durasse até o final da vida de seu marido foi um impedimento moral da separação por convicções religiosas. Sempre sentiu muita falta de sua filha e de sua neta, com quem teve pouco contato.

Figura 1: Quarto de oração de minha avó



Fonte: Jhoanderson Alves. Arquivo pessoal.

Joana: Espoleta e observadora, Joana é de fácil convívio e conversa com todos. Caçula das irmãs, ela sempre foi a mais mimada, o que gerava atritos com Jussara, a mais velha, mas em poucas horas se resolviam. Sempre admirou a irmã na dança de quadrilha e tentou participar de competições, mas não conseguiu se adaptar às regras e, por isso, resolveu não continuar nesse caminho.

Quadrilha junina

As festas juninas brasileiras bebem de fontes europeias. Os costumes de celebrações pagãs nessa época do ano, principalmente entre os franceses e os ibéricos, sofreram mudanças ao longo do tempo, incorporando o caráter religioso à medida em que o cristianismo se consolidava na Europa. Ao chegar ao Brasil principalmente por meio da elite portuguesa, as festas juninas mantiveram o caráter cortês importado da Europa por certo tempo.

A quadrilha, considerada uma herança do folclore francês dos salões da corte acrescida de manifestações típicas da cultura portuguesa, chegou ao Brasil juntamente com a corte real de D. João VI, como uma dança de pares onde damas e cavalheiros interagiam e dançavam. (BARROSO, 2013, p. 47).

Além da base européia, as festas juninas no Brasil incorporaram elementos culturais internos, tendo destaque o ambiente de cidades rurais do interior. Durante o mês de junho, as festas têm diversas formas de acordo com a região que são feitas, mas as comemorações do Nordeste brasileiro são algumas das mais difundidas no imaginário popular. A massificação dos festejos juninos e da quadrilha podem ser associados à troca do Império pela República brasileira, momento em que os status da corte imperial perderam prestígio e as festas foram ressignificadas.

O que explica esse deslocamento simbólico é o fato político e as implicações culturais da mudança de poder do Brasil republicano, quando os costumes do período colonial e imperial foram desprezados pelas camadas burguesas urbanas e cidadinas. Provavelmente nesse momento a quadrilha teria sido abolida das festas dos cidadãos ricos, continuando a ser dançada pela população mais distante dos grandes centros urbanos, os interioranos – geograficamente simbolicamente defasados com suas danças já “fora de moda”. Até o presente, os dançarinos de quadrilha fantasiam-se de “rurais” de uma forma pejorativa e caricatural. O que hoje conhecemos como quadrilhas tradicionais/matuta apresentam essa versão da dança nobre na origem e que se tornou popular. (CHIANCA, 2007, p. 50).

Vários elementos rurais marcam as festas juninas. São eles as comidas típicas, sendo o milho um ingrediente fundamental para muitas receitas tradicionais. Muito cultivado no interior do Brasil, pode-se fazer uma relação da marcante presença do milho na cozinha do interior com sua presença perpetuada nos festejos do mês de junho. Dentro da quadrilha tradicional, os integrantes interpretam papéis de estereótipos de matutos, vestindo roupas com remendos e com falas carregadas de um sotaque acentuado.

“De uma maneira geral, a vestimenta dos matutos segue o estereótipo citadino do homem do campo, ao qual se atribui por ocasião das festas eventos sociais o gosto das cores fortes e disparates – chamadas “alegres” e “vivas”. (CHIANCA, 2007, p. 51).

Ainda, a maquiagem desempenha forte papel nas apresentações, pintando dentes de preto, simulando bigodes com tracejados grosseiros e pondo pintas de sardas nas bochechas. Há discussões sobre a perpetuação de estereótipos e a representação do homem do campo dentro de quadrilhas tradicionais. Os grupos de quadrilhas estilizadas surgiram com algumas diferenças das demais, apostando em visuais mais elaborados e maior flexibilidade das músicas dançadas nas apresentações.

As características das quadrilhas matutas foram modificadas, dando espaço para uma mudança em sua estrutura original. Nesse sentido, os brincantes denominaram essas novas manifestações da dança junina como estilizadas, recriadas ou modernas. Essas denominações estão inseridas no contexto junino quando se trata de uma quadrilha que não seja matuta ou tradicional. (ZARATIM, 2014, p. 51).

Essas diferenças entre as quadrilhas são aceitas em competições, desde que sigam os critérios e requisitos apontados em cada edital específico, que regula os passos, ações e movimentações obrigatórias, assim como quantidade de participantes e personagens indispensáveis. Durante a apresentação, a depender de cada equipe, são dançados vários ritmos característicos da cultura nordestina, entre eles xaxado, xote, baião coco e maracatu.

No dia 13 de junho se comemora o dia de Santo Antônio, o santo casamenteiro. Depois, dia 24, São João. Por fim, dia 29, é festejado o dia de São Pedro. Os elementos religiosos estão presentes nos festejos, mas a tradição que cerca as movimentações realizadas nesse período transcendem a esfera da religião e se encaixam na cultura popular de uma forma mais ampla.

Em meio às festividades, que têm como marcas a fogueira, bandeirolas, balões e comidas típicas, a dança de quadrilha junina se destaca. Há uma fórmula base para a estruturação da quadrilha, mas as particularidades que cada grupo desenvolve e apresenta são muitas, o que enriquece os espetáculos e encanta quem assiste.

Os dançarinos das quadrilhas tradicionais são todos “matutos”, reunidos para um casamento na roça, no qual se representa o enlace (quase) forçado de um matuto que engravidou a noiva e que tenta fugir, mesmo na presença das autoridades religiosas e da lei. O pai da noiva consegue capturá-lo nas

suas tentativas desesperadas, e os convidados se deliciam escutando o diálogo entre ele, o pai da noiva, o padre, o delegado e a noiva, através de um texto malicioso que revela as tensões e conflitos em jogo nesse matrimônio. (CHIANCA, 2007, p. 51).

Esse momento da encenação do casamento é um dos mais aguardados. Envoltos em uma camada de humor, a história geralmente aborda uma gravidez inesperada entre dois jovens. Isso faz com que suas famílias decidam um casamento entre eles, mas o noivo não aceita a ideia de bom grado e tenta fugir do compromisso firmado por seus familiares. Personagens como o padre e o delegado costumam marcar presença nas quadrilhas e pesam suas autoridades sobre o noivo, que acaba cedendo à união. A quadrilha é então o baile da festa de casamento dos noivos (CHIANCA, 2007, p. 51), e é nesse momento em que são executados os passos tradicionais que caracterizam a quadrilha junina, comandados por um membro da equipe que conduz a apresentação com comandos de voz (animador ou puxador), contagiando o ambiente.

Sendo a quadrilha tradicional ou estilizada, ela carrega os traços culturais do povo que a compõe e de seu passado. Esse processo de modernização pode ser comparado à incorporação de aspectos religiosos cristãos pelas festividades e, mais tarde, pelo dissolvimento do cerne religioso do período junino para a consolidação do caráter cultural popular antropofágico que marca essas celebrações. A metamorfose está presente em vários aspectos da vida humana, inclusive na cultura, e as festas juninas, mesmo passando por transformações ao longo do tempo, mantêm características que as definem enquanto expressão popular e vão se perpetuando geração após geração.

Processo criativo

As festas tradicionais do mês de junho no Brasil são marcantes na cultura popular. Apesar disso, não existem muitas obras audiovisuais de ficção que utilizam esse contexto em suas composições. A criação de um roteiro de curta-metragem que tem como um dos pilares a dança de quadrilha junina é, também, um primeiro passo para a criação de um filme com essa temática na tentativa de traduzir alguns aspectos do espírito dessas festividades para o formato audiovisual.

A escolha por um produto como resultado deste trabalho é uma consequência da trajetória que percorri dentro do curso de Comunicação da UnB. A escrita de roteiro é algo que tive a oportunidade de desenvolver em alguns trabalhos ao longo dos semestres e isso fez com que fosse criada uma familiaridade e liberdade com o formato, o que resultou na criação da obra apresentada aqui.

Durante o período da graduação, passamos por diversos momentos que nos guiam a partir das escolhas que fazemos. Uma dessas ocasiões foi o exercício proposto na disciplina de Direção pela professora Denise Moraes chamado “Linhas da Vida”. Ela incitou a turma a refletir sobre nossas trajetórias pessoal e acadêmica e a relação entre essas esferas. Foi uma análise muito interessante que mostrou como nossas vivências progressas influenciaram a caminhada que traçamos dentro da universidade e como isso foi enriquecedor para nossa formação. Esse exercício me fez refletir por bastante tempo e, no processo de escolher um tema para esse Trabalho de Conclusão de Curso, ao cogitar entre vários assuntos, abordagens e formatos, decidi falar sobre uma temática que, mesmo eu não tendo um contato frequente direto, faz parte da minha formação regional e familiar, que são as festas juninas e a dança de quadrilha.

A partir disso, reparei que não se nota essa temática em muitas produções audiovisuais. Achei curioso, pois além de serem marcas da cultura popular nacional, as festas juninas são lembradas pelo espetáculo visual que criam, o que pode ser muito interessante de ser explorado em um filme, por exemplo. A criação de um roteiro de curta-metragem foi a forma escolhida para ser o produto que desenvolveria o contexto das festas juninas.

Com a temática definida e o formato escolhido, a narrativa precisou ser desenvolvida. A primeira ideia foi pensar uma história inspirada em filmes de competição musical e esportivas, que seguem caminhos semelhantes em alguns casos. O foco principal seria uma competição de quadrilhas num ciclo junino, toda a trama se desenrolaria em torno disso. O resultado final mudou bastante em relação à ideia inicial, mas carregou alguns elementos dela. Essas escolhas foram sendo definidas durante o processo, que contou com um aprofundamento sobre o tema além do senso comum.

Dentre as diversas formas de adentrar nesse universo e entendê-lo melhor, além do referencial teórico bibliográfico, a realização de entrevistas foi uma das opções escolhidas por permitir um contato direto com dançantes de quadrilha e suas informações pessoais nesse contexto. Trazer depoimentos de pessoas que tiveram envolvimento com esse movimento cultural foi fundamental para o desenvolvimento do roteiro, pois as experiências das entrevistadas contribuíram para a confirmação e enriquecimento do entendimento das práticas, organizações, dinâmicas e curiosidades que compõem uma quadrilha de festa junina.

Após decidido que seriam feitas as entrevistas, foi preciso definir a forma que poderiam ser realizadas. Em decorrência da pandemia da Covid-19, da distância geográfica entre mim e as entrevistadas e pela facilitação do uso de plataformas online de videochamadas, as conversas foram feitas e gravadas através do aplicativo Zoom. Por conta do caráter qualitativo das entrevistas, na intenção de fazer um contato inicial e incitar as memórias para reavivar fatos que viessem a ser relevantes sobre o tema, conversei de antemão com as duas, explicando o motivo que me fez convidá-las e apontando os caminhos da pesquisa, o que, acredito, tornou esses diálogos mais tranquilos, fluidos e interessantes.

Autorize-se a realizar um número limitado de entrevistas sob a condição de que tenham certa duração (uma hora e meia, duas horas); que tenham sido gravadas por inteiro e que descrevam com precisão a situação de entrevistas e que conheçam um grande número de dados objetivos sobre os entrevistados (origem social dos pesquisados e de seus pais, trajetórias escolares, profissionais, residenciais, estado matrimonial). Assim, terá tempo para trabalhá-los de maneira aprofundada... (BEAUD; WEBER, 2007, p. 120).

Algumas de minhas lembranças mais marcantes sobre quadrilha junina são os depoimentos de minha mãe, Maria Aparecida, enquanto eu ainda era criança. Ela

participou do grupo “Carranca” da cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, durante a segunda metade dos anos de 1980 e sempre contou como esse foi um momento muito marcante e feliz em sua vida. Por isso, ela foi uma das que me concedeu entrevista. Além dela, entrevistei Rosana Marinho, que dançou pela segunda metade dos anos 2000 em algumas quadrilhas competitivas também de Juazeiro do Norte, como “Arraiá do Chique Xique” e “Nação Nordestina”. Cada uma das entrevistadas, ao relatar suas experiências do período em que dançaram e competiram, trouxe consigo uma visão que expôs aspectos relevantes no âmbito do recorte temporal em que participou da quadrilha. Enquanto minha mãe apresentou um cenário de ensaios e competições inseridos nos anos 80, Rosana o atualizou a partir de sua experiência mais recente e contribuiu com aspectos de composição atuais da quadrilha.

Figura 2: Casal de noivos em apresentação do Arraiá de Chique Xique



Fonte: Acervo de Rosana Marinho. Frame de vídeo.

Alguns aspectos parecem ser constantes nas quadrilhas juninas durante o tempo. Um deles é a rivalidade entre as diferentes equipes que competem entre si. As duas entrevistadas falaram sobre essa relação entre os competidores e o clima de tensão misturado à adrenalina do dia da apresentação. Isso foi uma fonte de inspiração para o roubo do vestido de noiva da quadrilha dentro do roteiro. Depois do acontecido, paira no ar uma desconfiança de que alguém de uma quadrilha rival teria roubado especificamente o vestido para prejudicar a oponente na competição. Ainda sobre as entrevistas, elas relataram que, por abranger pessoas de classes

sociais diferentes, algumas estratégias eram utilizadas pelos membros da quadrilha para que se pudesse custear os materiais necessários para a apresentação, como roupas, cenários, calçados e enfeites. Durante o ano, os participantes faziam a coleta de materiais recicláveis para serem vendidos, assim como rifas. Essas ações ainda são observadas em alguns grupos.

A gente trabalhava durante o ano todinho. Trabalhava como? Juntando garrafa de vidro pra vender. Reciclagem, entendeu? Então a gente saía pedindo garrafa de Ypióca e juntava e vendia. Aquele dinheiro era pra material. Pra comprar bandeirola, pra comprar roupa se alguém não pudesse comprar, porque tinham pessoas que eram mais humildes na quadrilha e não tinham dinheiro. Então um ajudava o outro, sempre era assim. E a gente saía nas ruas pedindo ajuda. Fazia rifa! Fazia comida pra vender também. (APARECIDA, 2022).

Com base nas falas das duas entrevistadas, do material consumido e do próprio repertório cultural, formulei a estrutura do primeiro tratamento do roteiro. Ele foi bastante modificado para chegar ao estado em que está apresentado neste trabalho, mas alguns pontos perduraram, como a mudança de cidade que dá início à história, a relação conturbada da filha com a mãe, a figura acolhedora da avó e a aproximação da dança de quadrilha junina.

A escolha pelo ambiente de uma cidade do interior nordestino é um reflexo da minha experiência pessoal. Nasci e fui criado em Juazeiro do Norte, uma cidade marcada desde sua fundação pelo catolicismo e cercada por outras cidades que, juntas, compõem a microrregião do Cariri, que transpira fortes manifestações culturais, especialmente de caráter popular. Meus pais se conheceram em uma festa junina tradicional de Santo Antônio (o santo casamenteiro) da cidade de Barbalha e, por pouco, essa quase foi a trama que guiaria a narrativa do roteiro. Acredito que não conseguiria chegar ao ponto em que o roteiro está se minha jornada fosse outra. Tão importante quanto a pesquisa feita especificamente para o desenvolvimento do trabalho, são as relações com meus familiares e amigos, que fizeram parte das construções das minhas memórias e que, hoje, me influenciam no peso do que é importante falar sobre.

O roteiro passou por algumas fases durante o processo de escrita. A primeira delas foi no semestre anterior. Cursei a disciplina de desenvolvimento do Projeto Experimental, mas não apresentei o trabalho, pois ele não estava finalizando.

Durante esse período, sob orientação da professora Emília Silberstein, as estruturas basilares do roteiro foram decididas e desenvolvidas, assim como as entrevistas.

Foi nessa época que surgiu o primeiro tratamento. Os perfis e motivações das personagens ainda não estavam concluídos, o que, acredito, fez com que a primeira versão ficasse aquém do onde poderia chegar. A sinopse é semelhante: Flora e Maria se mudam para a cidade do interior do Nordeste em que Maria se criou e passam a morar com Dona Carla. Flora não se anima com a decisão e fica emburrada, principalmente com a mãe, que a levou consigo. Ela faz uma nova amiga que a apresenta ao universo competitivo das quadrilhas juninas. Flora descobre que a mãe também dançava e, aos poucos, fica confortável nesse novo ambiente e se reconcilia com a mãe. Nesse momento da escrita, a motivação da viagem não estava clara. Criei algumas teorias, como a separação de Maria com seu marido, a oportunidade de um emprego novo na cidade da mãe, uma viagem de visita que se tornou mais longa que o esperado. Contudo, nenhuma dessas motivações chegou a influenciar a narrativa de forma significativa. Ainda, as relações entre Dona Carla, Maria e Flora não estavam muito bem estruturadas. Faltava construção nas emoções e atitudes delas entre elas.

Ao retomar o trabalho neste semestre após um breve hiato, pude ter uma visão diferente sobre o que eu havia escrito até então. Nesse meio tempo, tive a oportunidade de ler vários roteiros de curtas-metragem enquanto curador do ROTA Festival. Foi uma experiência interessantíssima em que li textos de diferentes gêneros e pontos de vista. Isso fez com que eu olhasse para meu próprio roteiro sob uma nova perspectiva, o que o fez crescer e ter mais profundidade.

Alguns aspectos importantes que busquei corrigir nesse segundo momento de trabalho com o roteiro foram os diálogos. Ações e falas diziam a mesma coisa, o que gerava algumas redundâncias na narrativa. Busquei reduzir o caráter expositivo de alguns trechos de diálogos e trabalhar a percepção visual das cenas a partir de descrição. É curioso o apego que se cria por aquilo que está escrito. No momento em que finalizei o primeiro tratamento, estava contente com o resultado que havia alcançado. Porém, nessa segunda etapa depois de um afastamento do roteiro, consegui reparar esses pontos de melhoria e me forcei a desapegar daquilo que

estava posto para dar espaço ao fortalecimento da estrutura e do produto como um todo.

A história aparente do roteiro estava definida e bem desenvolvida, mas havia brechas na trama que poderiam ser exploradas para a adição de elementos que engrandecessem a narrativa.

Trabalhar com duas histórias quer dizer trabalhar com dois sistemas diferentes de causalidade. Os mesmos acontecimentos entram simultaneamente em duas lógicas narrativas antagônicas. Os elementos essenciais de um conto têm dupla função e são empregados de maneira diferente em cada uma das duas histórias. Os pontos de interseção são o fundamento da construção. (PIGLIA, 2004, p. 90).

Por mais que Ricardo Piglia fale sobre a forma dos contos, pode-se fazer um paralelo para a linguagem cinematográfica e entender a relação de diferentes camadas dentro de uma mesma história. A partir disso, busquei agregar elementos que fizessem aparecer conexões entre o que está explicitamente sendo dito na narrativa com o que está implícito, mas ainda afetando os julgamentos e ações das personagens. Durante essa etapa, as motivações prévias das personagens estavam claras, assim como características mais específicas de suas personalidades. A camada da gravidez de Flora foi pensada para acrescentar substância à narrativa e ser base de ações e decisões das personagens durante a história. Como a gestação é uma questão que não se expõe de cara, alguns detalhes são pincelados no decorrer do roteiro para validar essa informação quando ela é revelada. Esse trabalho de contar uma história enquanto há elementos não explicitamente ditos acontecendo simultaneamente é interessante e desafiador. Ainda, a história pregressa de Maria conta com paralelos com a situação que Flora vive. De certa forma, alguns aspectos das trajetórias de mãe e filha carregam semelhanças, mesmo elas não sabendo disso em um primeiro momento.

Contando com esses avanços de escrita e de percepção geral da estrutura da narrativa, cheguei à versão atual do roteiro que aqui apresento como produto deste trabalho. As principais mudanças estruturais sobre as quais comentei foram trabalhadas em cerca de três tratamentos principais, em que aspectos significativos foram alterados. O esforço aplicado para correções e reescrituras teve como resultado o fortalecimento do trabalho como um todo.

Além disso, algumas referências cinematográficas influenciaram a escrita do roteiro. Talvez a mais intensa tenha sido *O Céu de Suely* (2006), de Karim Aïnouz. Há várias semelhanças que podem ser notadas, como a ambientação de uma cidade do interior nordestino, mais especificamente Iguatu, no Ceará. Ainda sobre ambientação, *Cine Holliúdy* (2012), de Halder Gomes, traz também uma cidade do interior com muitas cores, o que é um elemento marcante em *Junina* por conta da estética das festas juninas. A morte como motivadora para um deslocamento espacial é o início de *Bacurau* (2019), de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, e há um sutil paralelo deste trabalho com o curta, que se inicia com a chegada de mãe e filha à cidade por conta de uma morte, mesmo que não esteja apresentada claramente no roteiro.

Figura 3: Rua em cidade do interior nordestino



Fonte: *O Céu de Suely* (2006)

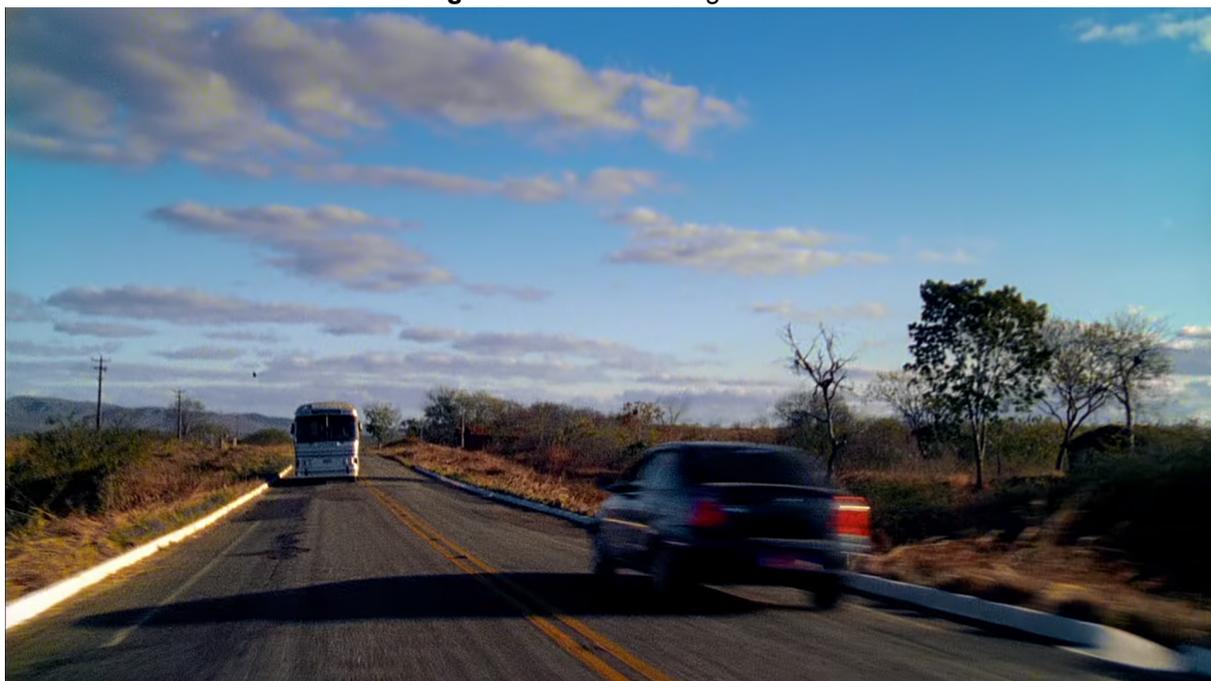
O Céu de Suely é um filme que assisti a um tempo atrás ao qual criei bastante admiração. Como cearense, me identifiquei logo no início com a cidade de interior que é o cenário da história. Ao reassisti-lo mais recentemente, notei de imediato diversas similaridades de *Junina* com o filme de Karim. Fiquei feliz com esses pontos em comum, pois acho que partem de fontes muito próximas, que é a vida em cidades do interior nordestino. A forma de falar das personagens carrega o sotaque da região, assim como expressões próprias. Uma das personagens do longa-metragem em questão usa a motocicleta como forma de transporte e trabalho,

o que é comum nos interiores de vários estados brasileiros. Maria, em *Junina*, se apropria da antiga moto do pai e passa a usá-la, sendo o transporte utilizado para levar a noiva da quadrilha para a competição no final do filme. Uma inspiração que também tem um paralelo com *O Céu de Suely* é o início da história. Ambos os filmes começam com uma viagem de retorno a um lugar de origem. Cada um com motivações específicas de suas personagens, mas todas voltando de ônibus de uma grande capital.

Figura 4: Motocicleta como meio de transporte principal



Fonte: *O Céu de Suely* (2006)

Figura 5: Ônibus de viagem na estrada

Fonte: *O Céu de Suely* (2006)

O processo de construção deste trabalho passou por diversos momentos, todos eles importantes para o produto final. A contribuição da minha vivência pessoal afetou a localização em que se passa a história, os cenários, as características das personagens e a escolha do tema da quadrilha junina. As entrevistas abriram um panorama sobre aspectos dos processos que compõem a dança de quadrilha e o que está envolta dela, como as relações interpessoais dos membros (a quadrilha também como um ambiente social de integração) entre si e com os rivais. A pausa entre semestres influenciou o olhar sobre o trabalho e todas as contribuições e opiniões fortaleceram e foram importantes para o resultado final apresentado aqui. Foi um processo trabalhoso, mas gratificante e enriquecedor.

Considerações finais

É desafiador encarar o Trabalho de Conclusão de Curso como um resumo apanhado da minha trajetória acadêmica dentro da Universidade. Todas as experiências vividas nos anos de curso foram fundamentais para meu desenvolvimento e resultaram neste trabalho. Ainda, foram agregadas vivências prévias e memórias familiares para a composição do roteiro que, acredito, consegue traduzir, mesmo que em partes, a jornada que percorri durante todo esse tempo.

Falar sobre festas e quadrilhas juninas, cultura popular, regionalidade nordestina e relações familiares dentro de um formato audiovisual é muito gratificante. A oportunidade de realizar esse trabalho me deu a chance de explorar uma temática muito rica e encantadora, o que fez com que ele fosse feito com esmero e carinho.

A escrita deste roteiro contribuiu para a minha evolução intelectual. A partir da prática, da repetição e da reescrita, pude entender quais caminhos narrativos seriam mais interessantes para a história que estou contando, quais nuances de linguagem se encaixam melhor para cada personagem, em quais momentos entregar informações e em quais retê-las. Foi um processo comprido e, em vários momentos, difícil, mas acredito que ele foi importantíssimo para consolidar um pouco mais os ensinamentos e experiências que tive e vivi durante a graduação.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, H. C. **“Prepare seu coração pras coisas que eu vou contar.”: o ensaio sobre a dinâmica das quadrilhas juninas no Ceará.** 2013. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Curso de Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade, Fortaleza, 2013.
- BEAUD, Stéphane; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos.** Tradução de Sérgio Joaquim de Almeida. Revisão da tradução de Henrique Caetano Nardi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CHIANCA, L. **Devoção e diversão: Expressões contemporâneas de festas e santos católicos.** In: Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 11, vol. 18(2), p. 49-74, 2007.
- _____. **“O auxílio luxuoso da sanfona”:** tradição, espetáculo e Mídia nos concursos de quadrilhas juninas. Revista Observatório Itaú Cultural OIC. São Paulo, n. 14, p. 89-100, maio 2013.
- _____. **Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa.** In: Sociedade e cultura. Goiânia: UFG. V. 10, n.1, p. 45-59, jan./jun, 2007.
- FEITOSA, D.; MOURA, P. L.; SALMITO, R. R. **FESTAS JUNINAS: UM OLHAR SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DAS QUADRILHAS JUNINAS NA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE.** In: XV ENECULT: encontro de estudos interdisciplinares em cultura. Salvador, agosto de 2019.
- FIELD, S. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico.** 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 240 p.
- PAULA, S. G.. **Arromba chão que anima o salão, quadrilha de São João! Memórias, danças e transformações das quadrilhas juninas em Salvador.** 2020. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, 2020.
- PIGLIA, R. **Formas Breves.** Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 89 p.
- ZARATIM, S. R. **Quadrilhas juninas em Goiânia: novos sentidos e significados.** 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Escola de Música e Artes Cênicas, 2014.

APÊNDICE A – PRIMEIRO TRATAMENTO DO ROTEIRO

(sem título ainda)

1º tratamento

Jhoalerson Dias

jhoalerson@gmail.com
(61) 981717727

INT. ÔNIBUS - DIA

Um ônibus de viagem está em movimento e FLORA (16 anos) está sentada na poltrona da janela ao lado de sua mãe, MARIA (40 anos). Os dedos da mão de Flora dançam ao lado da janela enquanto ela escuta música em seu fone de ouvido. O ônibus chega na rodoviária.

MARIA
Chegamos, filha.

Flora tira os fones de ouvido, ainda olhando pela janela. DONA CARLA (64 anos), avó de Flora, pode ser vista pela janela aguardando na rodoviária. Maria abre um sorriso.

MARIA (CONT'D)
Olha tua avó ali.

Flora olha para a mãe.

FLORA
Eu vi.

INT. RODOVIÁRIA - DIA

Flora e Maria se aproximam de Dona Carla com as malas. Dona Carla abraça forte a filha.

MARIA
Bença, mãe.

DONA CARLA
Deus te abençoe, minha filha.

Dona Carla olha para a neta. Maria repreende Flora.

MARIA
Cadê a bença da sua avó?

DONA CARLA
Deixa a menina.

FLORA
Bença, vó.

DONA CARLA
Deus te cubra de graça.

Dona Carla abraça a neta.

DONA CARLA (CONT'D)
Fizeram boa viagem?

Maria e Flora pegam as malas e vão caminhando com Dona Carla.

MARIA
Fizemos sim. Só cansativa, né? Quero tomar logo um banho.

DONA CARLA
Pois vamo logo pra casa. Vocês estão
tão bonitas...

Flora coloca os fones de ouvido e segue as duas.

INT. COZINHA DE DONA CARLA - DIA

Dona Carla está mexendo com a concha uma panela. Maria chega com uma toalha na cabeça e logo atrás, Flora.

MARIA
Hmmm, que cheirinho bom! Sabe o que é,
filha?

FLORA
Acho que não.

DONA CARLA
É mungunzá, menina. Vem aqui, traz um
prato.

Flora pega um prato na mesa, se aproxima da avó e ela a serve.

DONA CARLA (CONT'D)
Tu comeu da última vez que veio aqui.
Faz tanto tempo que nem deve lembrar o
gosto.

Flora se senta na mesa. Dona Carla se serve e se senta.

MARIA
Eu quero também, viu!? Saudade demais
da comida da senhora.

Maria se serve e se senta na mesa com as duas.

DONA CARLA
Pois agora vai comer até enjoar.

Flora está concentrada na refeição.

DONA CARLA (CONT'D)
Gostou, Flora?

FLORA
Tá uma delícia, vó.

MARIA
Brigado, mãe.

DONA CARLA
Eu sabia que você gostava, por isso eu
fiz.

MARIA
Brigado por receber a gente aqui.
(MORE)

MARIA (CONT'D)

Assim que eu conseguir me estabilizar de novo eu arranjo um lugar pra morar com Flora aqui por perto.

DONA CARLA

Deixa disso, Maria. Enquanto eu tiver viva, filha minha tem onde morar... e neta também.

Dona Carla olha para Flora e dá um sorriso.

DONA CARLA (CONT'D)

Aqui não é nenhuma São Paulo da vida que você tá acostumada, mas aqui é bom.

FLORA

Eu sei, vó.

DONA CARLA

(Para Maria)

Eu já falei com Rosinha da escola, mas amanhã tu vai lá confirmar e vê se tá tudo certinho.

INT. CORREDOR DA ESCOLA - DIA

Flora caminha pelo corredor da nova escola com fones no ouvido. JOANA (16 anos) a aborda.

JOANA

Oi, você é a Flora, né?

Flora tira os fones.

FLORA

Sou eu sim.

JOANA

Meu nome é Joana, a gente é da mesma turma. Você é nova aqui, né? Vem comer com a gente.

INT. REFEITÓRIO - DIA

Flora e Joana se sentam à mesa com uma GAROTA e um GAROTO de idades semelhantes às delas.

JOANA

Gente, essa é Flora.

Eles se cumprimentam.

JOANA (CONT'D)

A escola lá de São Paulo era muito diferente daqui? Você é de São Paulo, né? Lembro de você falando na

(MORE)

JOANA (CONT'D)
apresentação na sala...

34

FLORA
Eu nasci aqui, só que fui pra lá
pequena, nem lembro.

GAROTO
Ah, então é como se você fosse de lá.

FLORA
Tipo isso.

GAROTO
E como era lá? Deve ser massa, né? Tu
sente falta?

FLORA
Nossa, sim.

Garota interrompe.

GAROTA
Eu fui lá uma vez. Faz uns 2 anos.
Tenho umas fotos incríveis na Avenida
Paulista.

FLORA
Lá é legal. Já me apresentei uma vez
na Paulista.

JOANA
Tu é atriz!?

Flora sorri.

FLORA
Não, não. Eu danço. Dançava, pelo
menos.

GAROTO
(Para Joana)
Oxe, porque tu não leva ela pra um
ensaio da tua irmã? Ela vai ser a
noiva, né?

FLORA
Sua irmã vai casar?

Joana sorri.

JOANA
Mais ou menos.

FLORA
Entendi nada.

JOANA
Mais tarde você tá livre?

Flora acena positivamente com a cabeça.

INT. GINÁSIO DE TREINO - DIA

Em uma quadra poliesportiva estão cerca de 25 pessoas de idades variadas, mas majoritariamente jovens. Elas dançam em pares, as mulheres com volumosas saias, ao som de um forró que sai de uma caixa de som. Os homens vão para um lado, as mulheres para o outro; todos se entrelaçam aleatoriamente; os pares voltam a ser formados e trocados entre si.

Flora e Joana veem essa movimentação da entrada do ginásio. Flora está muito atenta à dança.

JOANA
Tu nunca dançou quadrilha não?

FLORA
Não.

JOANA
Nem na tua escola?

Flora acena negativamente com a cabeça.

JOANA (CONT'D)
Que estranho. Pois tá aí, uma quadrilha junina. É só o ensaio agora, quando tá tudo enfeitado fica mais legal.

FLORA
Você vai dançar?

JOANA
Não, não. Num sou muito de dançar. Vem comigo.

As duas atravessam a quadra e se aproximam de uma área menor um pouco mais afastada. Nesse lugar estão cerca de sete pessoas, entre elas, JUSSARA (19 anos), irmã de Joana. Ela e os demais estão com papéis em suas mãos lendo e interagindo entre si. Jussara vê a irmã e faz sinal para esperar.

Joana aponta para Jussara.

JOANA (CONT'D)
Aquele ali é minha irmã. Ela vai ser a noiva esse ano.

FLORA
Ainda não entendi direito essa história de noiva.

JOANA

É que toda quadrilha tem um casamento. É uma encenação de um casamento que tem quando tá tendo a apresentação. Aí tem o padre, o noivo, a noiva, um bocado de gente. É bem engraçado.

FLORA

Ah, acho que agora entendi.

O ensaio encerra e Joana e Flora se aproximam.

JUSSARA

Tá fazendo o que aqui, Joana? Avisou pra mãe que não chegou ainda?

JOANA

Relaxa, tá tudo certo. Essa aqui é Flora, ela é nova lá na escola.

As duas se cumprimentam.

JOANA (CONT'D)

Trouxe ela pra dançar. Ainda dá tempo pra se apresentar esse ano?

Flora franze a testa.

FLORA

O que? Não, não. Eu não danço assim não.

JOANA

Ah, você aprende.

JUSSARA

De qualquer forma, hoje já encerrou. Vem aqui amanhã amanhã mais cedo, Flora. João disse que vinha amanhã e vocês falam com ele. Agora bora pra casa que eu tô com fome e mãe vai é brigar comigo porque tu não chegou ainda. Bora.

Joana sorri e sai com sua irmã.

INT. SALA DE DONA CARLA - NOITE

Num canto da sala está Dona Carla operando uma máquina de costura. Flora chega da rua e entra em casa.

DONA CARLA

Graças a deus! Demorou, menina. Já tava ficando preocupada.

FLORA

Eu tinha mandado mensagem pra minha mãe avisando.

DONA CARLA

Ah, ela nem deu notícia também. Deve tá enrolada com a transferência do emprego dela. E você tava aonde, posso saber?

FLORA

(Com celular na mão)

Uma colega da escola me chamou pra ver um ensaio da quadrilha que a irmã dela participa.

DONA CARLA

Já tá se enturmado. Que bom, minha menina.

Flora dá um leve sorriso.

DONA CARLA (CONT'D)

Tá sentindo falta de lá?

FLORA

São Paulo? Muita.

Flora aponta para o celular.

Minhas amigas tão me perguntando como que é aqui.

DONA CARLA

E o que você respondeu?

Flora não responde. Dona Carla se levanta da máquina.

DONA CARLA (CONT'D)

Vem aqui pra eu te mostrar uma coisa.

Flora guarda o celular e se levanta.

INT. QUARTO DE DONA CARLA - NOITE

Dona Carla abre uma gaveta de uma cômoda de madeira e tira um álbum de fotografias. Ela senta na cama e faz sinal para que Flore se sente ao seu lado.

DONA CARLA

Sabe quem é essa aqui?

FLORA

É minha mãe?

DONA CARLA

Foi a missa de crisma dela. Vocês são muito parecidas.

Dona Carla passa algumas páginas do álbum.

DONA CARLA (CONT'D)
Isso aqui que queria te mostrar.

Flora vê uma fotos de sua mãe dançando em uma quadrilha junina.

DONA CARLA (CONT'D)
Tua mãe gostava de dançar quadrilha quando era mais nova. Ela até noiva já foi.

Flora admira as fotos.

DONA CARLA (CONT'D)
Ela vai gostar de saber que você tá conhecendo a quadrilha também. Vai dançar esse ano?

Flora recua.

FLORA
Eu fui só dar uma olhada mesmo.

DONA CARLA
Mas você dança, não é? Sua mãe falou que você adorava dançar lá em São Paulo.

FLORA
É muito diferente. São estilos que não têm nada a ver.

DONA CARLA
Olha, tenho certeza que você aprende, se quiser.

Dona Carla levanta da cama.

DONA CARLA (CONT'D)
Você pode qualquer coisa.

Flora olha novamente o álbum.

INT. GINÁSIO DE TREINO - DIA

Joana e Flora chegam à entrada da quadra de treino da quadrilha. As pessoas dançam ao som da música. Coordenando os movimentos do grupo está JOÃO (33 anos).

JOANA
João é o quadrilheiro chefe. Ele que organiza tudo aqui. Vamo lá falar com ele.

Joana puxa Flora pelo braço.

FLORA
Pera, tô meio assim.

JOANA
Assim como, menina?

FLORA
Sei lá, eu nunca dancei desse jeito.

Joana revira os olhos.

JOANA
Se não gostar, é só num vir mais. Só
achei que ia ser legal.

Flora faz sinal positivo com a cabeça e elas caminham na
quadra em direção a João.

JOÃO
Oi, Joana. Cadê tua irmã que não
chegou ainda?

JOANA
Deve tá chegando. Essa é Flora. Ela
chegou de São Paulo e dança que só!
Bota ela aí na quadrilha.

Flora puxa discretamente a manga da blusa da amiga. João olha
para Flora.

FLORA
Oi.

JOÃO
Você dançava quadrilha lá?

FLORA
Não, não. Eu nunca dancei.

JOANA
Mas aprende que é uma beleza!

JOÃO
Olha, o grupo já tá completo. Se
quiser ficar aí hoje pro ensaio, pode
ficar. Qualquer coisa se você se sair
bem, pode ficar como reserva. Anima?

FLORA
Pode ser.

João aponta para um canto do ginásio e olha para Joana.

JOÃO
Leva ela ali que tem uma saia
sobrando. Tem que acostumar com o peso
da roupa.

As duas obedecem e seguem na direção indicada.

MONTAGEM

Flora aprende os passos básicos da dança com auxílio de João⁴⁰ e dos outros dançarinos e Joana a acompanha da arquibancada, animada.

Joana e Flora estão na arquibancada do ginásio e Flora mostra à amiga um vídeo dela dançando dança de rua em São Paulo.

Flora interage sorridente com os novos colegas de quadrilha na quadra.

Flora aprende novos passos no treino da quadrilha e João a corrige.

Alguns participantes do ensaio se juntam a Flora e Joana na arquibancada e veem o vídeo dela dançando.

Flora faz uma demonstração da dança de rua e João observa distante.

FIM DA MONTAGEM

INT. QUARTO DE FLORA - DIA

Flora e Joana estão sentadas no chão do quarto envoltas de papéis crepom de várias cores. Elas cortam os papéis em formatos de bandeirolas.

JOANA

Minha irmã quando começou entrou como reserva também. Esse ano é a primeira vez dela como noiva.

FLORA

Ela arrasa demais.

JOANA

E tem tempo ainda pra apresentação. Às vezes tem gente que desiste e abre vaga pra competir.

FLORA

Ia ser legal mesmo. Mas eu tô gostando, o pessoal é muito legal. Eu tô cortando certo?

Flora levanta e mostra a Joana uma bandeirola que acabou de cortar.

JOANA

Perfeito. Vamo fazer mais da verde que tá pouco ainda.

Maria abre a porta do quarto.

MARIA

Meninas, venham lanchar.

FLORA
Já vamos, mãe.

Maria repara nas bandeirolas espalhadas pelo chão e sorri.

MARIA
Já fiz muito isso antigamente. Vocês
têm muito trabalho pela frente, hein.

FLORA
Ah, mãe, inclusive a gente tá vendendo
um rifa pra ajudar nos gastos dos
materiais. Quer ajudar não?

Flora dá um sorriso largo.

MARIA
Hmm. É rifa de que?

JOANA
É um bode, tia.

Maria franze a testa.

MARIA
Ave maria.

FLORA
Vamo, mãe.

MARIA
Tira aí dez números pra mim.

Flora sorri.

JOANA
Se quiser comprar os meus também, tia.

Maria cerra os olhos, bufa e sorri.

MARIA
Venham logo comer, venham.

As três saem do quarto e a porta se fecha. A porta se abre novamente logo em seguida e entram Flora e Joana com outras roupas.

FLORA
Ai, amiga, tô nervosa.

JOANA
Eu não disse que de vez em quando abre
vaga de alguém que não pode mais?

FLORA
Mas não é nem isso. João pediu pra
falar comigo porque ele tá querendo
fazer um passo pra apresentação que
(MORE)

FLORA (CONT'D)

42

tem a ver com street dance. Ele disse que pode ficar legal com o tema, algo assim.

JOANA

Então ótimo. Tu dança super bem que eu vi. Vai arrasar!

FLORA

Tomara que dê certo.

As duas riem.

JOANA

Mas agora bora senão a gente atrasa pra aula.

As duas saem do quarto.

INT. GINÁSIO DE TREINO - DIA

Flora está na arquibancada sozinha comendo um sanduíche. João se aproxima.

JOÃO

Tudo bem por aí?

Flora apressa a mastigação.

FLORA

Tudo sim, só tô lanchando rapidinho.

JOÃO

Relaxa, só vim te agradecer por ter compartilhado sua experiência com a gente. Muito bom ter você aqui com a gente.

Flora abaixa o olhar, envergonhada.

FLORA

Valeu.

João olha para os pés de Flora.

JOÃO

É bom ir usando o sapato da apresentação pra ir amaciando, hein. Tá chegando perto já. E bora ensaiar que nunca é demais!

João se afasta e vai em direção aos outros dançarinos.

INT. COZINHA DE DONA CARLA - DIA

Dona Carla e Flora estão tomando café da manhã na mesa. Maria se junta a elas.

MARIA

Bom dia.

DONA CARLA

Bom dia, minha filha.

FLORA

Bença, mãe.

MARIA

Deus te abençoe, meu amor.

DONA CARLA

Deu certo o negócio da moto?

MARIA

Graças a deus. Pechinchei até não poder mais, aí consegui comprar num preço bom.

DONA CARLA

Amém.

O celular de Flora vibra e ela o pega.

MARIA

Celular na mesa não, Flora.

FLORA

Pera aí, mãe.

MARIA

Tu não me responde não, menina.

FLORA

Desculpa, é que a Joana tá falando aqui.

O celular de Flora recebe uma chamada de Joana. Flora, com a testa franzida, pede licença, levanta da mesa e sai da sala pra atender.

MARIA

Flora, Flora! Essa garota tá abusada, viu?!

DONA CARLA

Deixa ela. É coisa da idade. Essas duas ficaram muito amigas.

MARIA

Ela tá se adaptando, né. Era meu maior medo quando trouxe ela pra cá.

DONA CARLA

Minha neta é uma menina de ouro.

Flora volta pra cozinha esbaforida.

FLORA
Preciso da ajuda de vocês.

INT. SALA DE DONA CARLA - DIA

Batem à porta da casa e Flora abre. Joana e Jussara estão do lado de fora com feições assustadas e preocupadas. Elas entram na casa.

FLORA
Sentem aqui.

Flora aponta para o sofá. Maria chega com dois copos d'água.

MARIA
Aqui. Como foi isso? Sumiu mesmo?

JUSSARA
Eu não faço ideia de onde tá! Usei ele ainda ontem e dei na mão de João quando o ensaio acabou. Ele falou que colocou no carro, mas quando foi pegar, num tava mais lá.

FLORA
Logo no dia da apresentação.

JOANA
Tão falando que foi a outra quadrilha que roubou pra sabotar a de vocês.

MARIA
Mas gente. Será? Que absurdo. No meu tempo tinha rivalidade entre os grupos, mas não nesse nível.

Dona Carla entra na sala com um VESTIDO DE NOIVA de quadrilha junina em suas mãos.

MARIA (CONT'D)
A senhora guardou mesmo!

DONA CARLA
Avalie se eu ia me desfazer de um dos meus melhores trabalhos. Você não quis levar, eu fiquei pra mim.

JUSSARA
A senhora que fez?

MARIA
Ela fez pra mim quando eu fui a noiva. Faz tanto tempo.

DONA CARLA
E agora vai servir pra mais uma noiva.

FLORA
Brigado, vó!

Flora dá um beijo na bochecha de Dona Carla. Dona Carla olha para Jussara.

DONA CARLA
Vamo ali testar, menina. Acho que vai precisar de uns ajustes...

Jussara se levanta.

JUSSARA
Muito obrigado, Dona Carla. A senhora é uma salvadora!

Dona Carla bufa e abre um sorriso. Ela vai em direção à máquina de costura.

JUSSARA (CONT'D)
Flora, tá todo mundo já indo pra concentração pra se arrumar lá. Pode ir logo que quando o vestido ficar pronto eu vou direto pra lá.

Jussara olha para Joana.

JUSSARA (CONT'D)
Se quiser ir também se arrumar pra ver sua irmã brilhar!

Jussara balança os cabelos com as mãos.

JOANA
Se acha... Bora, Flora.

As duas sorriem.

MARIA
Mais tarde te encontro lá, filha. Relaxa, concentra e lembra dos ensaios. Vai dar tudo certo!

FLORA
Tá bom, mãe. Te amo.

MARIA
Te amo muito, filha.

EXT. ARENA DE FESTA JUNINA - FIM DE TARDE

Várias tendas e quiosques se espalham pelo terreno aberto. São vendidas comidas típicas juninas, como baião de dois, canjica, milho, bolos, cocadas entre outras diversas. Há bandeirolas penduradas sobre as tendas por toda a extensão do terreno. Barraquinhas de tiro ao alvo, pescaria por prêmio, estalinhos e de outros artifícios com pólvora podem ser encontradas. A música típica de forró é ouvida sendo tocada

pelo trio tradicional de músicos que se apresentam em um palco. Crianças se divertem jogando estalinhos pelo chão na tentativa de assustar adultos. A luz alaranjada dos postes começa a iluminar o ambiente.

INT. CONCENTRAÇÃO DA QUADRILHA - NOITE

Os membros da quadrilha estão espalhados embaixo de uma grande tenda enquanto se vestem com suas roupas coloridas e uniformes, com exceção de alguns. Uns dois pares relembram alguns passos no canto da tenda. Flora está sendo maquiada. Joana entra na tenda e se aproxima de Flora.

JOANA

Tá linda, mulher!

FLORA

Você que tá, amiga!

JOANA

Ai, brigada. Cadê Jussara?

FLORA

Deve tá por aí.

João está agitado e se aproxima de Flora e Joana.

JOÃO

Cadê Jussara?

FLORA

Não chegou ainda?

JOÃO

Não chegou ainda.

JOANA

Ela ficou só de ajustar o vestido com a vó da Flora... mas já dava tempo de ter chegado.

JOÃO

Ai, meu deus. A noiva tá atrasada e eu nem sei como é o vestido. Me ajuda, meu são Pedro!

FLORA

O vestido é incrível, isso eu posso garantir.

JOÃO

Mas num adianta de nada um vestido incrível se ele não tá aqui. Nem a noiva pra tá dentro dele!

JOANA

Eu vou ligar pra ela aqui.

JOÃO

Não atende.

FLORA

Vou ligar pra minha mãe.

Uma voz saindo de caixas de som anuncia a entrada da primeira quadrilha a competir.

JOÃO

Valei-me, minha nossa senhora! Agora pronto! É esse ano que a gente não se apresenta.

FLORA

Não atende.

JOANA

Será que tá tudo bem?

Ouve-se um barulho de moto se aproximando pelo caminho próximo à entrada da tenda da concentração. Inicia-se um burburinho e algum dançarino aponta para a entrada. João, Flora e Joana olham na direção apontada em que estão Maria e Jussara. Maria desliga a moto e Jussara desce usando o vestido de noiva, deslumbrante. Jussara vai em direção a João.

JOÃO

Realmente maravilhoso! Mas vamo que o tempo é curto. Corre pra maquiagem!

João puxa Jussara pela mão. Maria se aproxima de Flora e Joana.

FLORA

O que aconteceu, mãe?

MARIA

Olha, a gente perdeu a noção do tempo ajustando o vestido. Mas vai dar tempo, não vai?

FLORA

Acho que sim.

MARIA

Você tá linda demais! Agora deixa eu ir buscar tua avó pra dar tempo da gente te ver dançar.

Maria dá um beijo na filha e sai.

JOANA

Vou lá pra fora, amiga. Vai lá e arrasa!

As duas se abraçam.

FLORA
Obrigado por tudo!

EXT. ÁREA DE APRESENTAÇÃO - NOITE

Uma grande arena de terra batida cercada por decorações coloridas está ao lado de uma arquibancada lotada. Joana está na arquibancada, assim como Maria e Dona Carla. A grupo de dança de Joana é anunciado.

INT. CONCENTRAÇÃO DA QUADRILHA - NOITE

Todos os pares estão alinhados e João está a frente de todos.

JOÃO
É agora!

Todos vibram. Jussara está mais na frente ao lado do noivo e próximo à rainha da quadrilha. Flora está ao lado de seu par. Ela respira fundo. Os participantes caminham sincronizadamente em direção à área de apresentação. Aos poucos, a luz da arena vai iluminando a todos à medida em que seus pés tocam a terra. A música explode e todos gritam. A poeira sobe.

INT. QUARTO DE DONA CARLA - NOITE

Toda a tela é ocupada por uma imagem estática de Flora do dia da competição. Aos poucos, pode-se ver ela ao lado de seus companheiros dançarinos e um troféu ao centro de todos. Essa imagem se mostra como uma fotografia no álbum de fotos de Dona Carla. Ela está ao lado da foto de Maria vestida de noiva de quadrilha quando mais nova.

FIM.

APÊNDICE B – TERCEIRO TRATAMENTO DO ROTEIRO

Junina

3° tratamento

Jhoalerson Dias

jhoalerson@gmail.com
(61) 981717727

INT. ÔNIBUS - DIA

Um ônibus de viagem está em movimento e FLORA (16 anos) está sentada na poltrona da janela ao lado de sua mãe, MARIA (45 anos).

Os dedos da mão de Flora dançam ao lado da janela enquanto ela escuta música em seus fones de ouvido. Podemos ouvir a música. O ônibus chega na rodoviária.

Flora tira os fones de ouvido, ainda olhando pela janela. DONA CARLA (64 anos, usa um vestido florido longo e tem cabelos grisalhos amarrados), avó de Flora, pode ser vista pela janela aguardando na rodoviária. Maria abre um sorriso.

MARIA
Olha tua avó ali.

Flora olha para a mãe.

FLORA
Eu vi.

INT. QUARTO DE FLORA - DIA

Flora está sentada na cama com celular em mãos e fones no ouvido. É um quarto pequeno, com a cama de madeira e uma cômoda antiga. As malas estão abertas pelo quarto ainda feitas. Maria abre a porta.

MARIA
Vem comer, Flora.

FLORA
Já vou.

MARIA
Tua avó tá chamando.

FLORA
Mãe, a gente volta quando?

Maria fecha completamente a porta do quarto por dentro.

MARIA
Por que é que você faz isso?

FLORA
Não fui eu que decidi vir.

MARIA
Parou! A gente volta quando der.

Flora bufa e repete baixo.

FLORA
Quando der...

MARIA

Vem logo.

Maria sai do quarto e Flora permanece no celular.

INT. SALA DE DONA CARLA - DIA

As paredes do ambiente são cheias de imagens católicas, como santo Antônio, padre Cícero, frei Damião e são Francisco de Assis. No meio está a sagrada família.

Há uma mesa coberta com um tecido de renda encostada na parede com imagens de familiares e uma vela acesa. No outro canto está uma máquina de costura. O chão é de um azulejo de tom escuro.

Flora passa pela sala, para e observa as fotos na mesa.

INT. COZINHA DONA CARLA - DIA

Há um filtro de barro ao lado da pia, que está coberta de pratos marrons e copos azuis que secam no escorredor. As paredes são totalmente preenchidas por azulejos floridos e há um armário de metal próximo ao fogão.

Dona Carla e Maria estão sentadas à mesa. Há uma panela de mungunzá ao centro. Flora chega.

DONA CARLA

Senta, menina. Pega aqui.

Dona Carla pega a concha e passa para a neta.

DONA CARLA (CONT'D)

Fizeram boa viagem?

Flora está de cabeça baixa.

MARIA

Foi tranquila graças a deus, mãe.

Dona Carla come uma colherada do cozido.

DONA CARLA

Hoje tá fazendo um mês.

Maria olha para a mãe, que continua comendo.

MARIA

Vai ter missa?

DONA CARLA

Tuas tias me mandaram no telefone. Vai ser mais tarde.

MARIA

A gente vai?

Flora olha para a avó, que olha de volta.

DONA CARLA
Já acendi uma vela pra ele.

EXT./INT. ESCOLA - DIA

Flora e Dona Carla caminham em direção à entrada da escola pública. Flora não está uniformizada. O pátio está enfeitado com bandeirolas e balões de papel.

DONA CARLA
Enfeitaram foi cedo esse ano. Aprendeu o caminho, né? Quando voltar sua mãe já deve tá em casa.

Dona Carla sai e Flora caminha pelo pátio. Ouve-se uma música de quadrilha junina que vai ganhando volume. Flora segue o som até o ginásio da escola. Vários alunos formam pares e estão alinhados, indo pra lá e pra cá enquanto dançam sendo guiados pelos comandos de uma adulta.

JOANA (16 anos) para perto de Flora e olha um mural com informativos. As duas notam a presença uma da outra.

JOANA
Tu vai dançar?

FLORA
Eu? Não, não.

Joana destaca um panfleto do mural.

JOANA
Nem eu.

Joana balança o papel.

JOANA (CONT'D)
Mas acho que vou ficar pra ver mais tarde. Prazer, sou Joana.

Joana estende a mão.

FLORA
Flora.

INT. ESCOLA - NOITE

O pátio da escola está ainda mais enfeitado. Cartolinas coloridas com imagens e frases juninas enchem as paredes. Caixas de som tocam músicas de festa junina. Há algumas barraquinhas que vendem comidas típicas. Pais de alunos estão presentes e se acomodam pelo local. Flora caminha em direção ao portão e encontra com Joana.

JOANA
Já tá indo?

Flora acena positivamente com a cabeça.

JOANA (CONT'D)

Pera.

A música muda e os alunos que mais cedo ensaiavam no ginásio entram no pátio em pares animados com camisas quadriculadas e vestidos rodados. Flora presta atenção àquilo. Joana repara na concentração de Flora e sorri.

Uma voz conduz os passos do grupo, os pares se cumprimentam, fazem um grande círculo, trocam de casais entre si, se movimentam para lá e para cá com bastante animação.

Flora observa atentamente os passos, os movimentos e a cadência da coreografia. A dança é finalizada e todos aplaudem. A voz condutora do grupo anuncia que vai começar a quadrilha improvisada.

JOANA (CONT'D)

Aí sim!

Flora olha para Joana com a testa franzida. Joana puxa Flora pelo braço, que a acompanha, sendo pega de surpresa.

FLORA

Não, Joana!

JOANA

Relaxa e me acompanha.

Uma fila grande de pares é formada pelos alunos, pais e professores, que caminham cadenciadamente. A voz condutora dá as instruções e todos vão seguindo. Joana e Flora vão de um lado para o outro, fazem o passo da grande roda, trocam de par e se divertem enquanto isso. Os pares são destrocados e as duas seguem juntas.

Flora fica ofegante, sai do fluxo da quadrilha e se senta num banco. Joana a acompanha.

JOANA (CONT'D)

Tu tá bem?

Flora acena positivamente com a cabeça, ainda ofegante.

FLORA

Só tomar um ar.

Flora se levanta.

FLORA (CONT'D)

Melhor eu ir.

JOANA

Bora amanhã no ensaio da minha irmã?

FLORA

Pode ser.

INT. SALA DE DONA CARLA - NOITE

Num canto da sala está Dona Carla. Ela opera a máquina de costura. Uma cadeira de balanço está no outro canto da sala. Flora chega da rua e entra em casa.

DONA CARLA

Graças a minha nossa senhora! Que demora foi essa, menina?

FLORA

Eu tinha mandado mensagem pra minha mãe avisando.

DONA CARLA

Ela é outra que nem chegou ainda. E onde que tu tava?

Distraída com o celular, Flora não responde.

DONA CARLA (CONT'D)

A quadrilha foi hoje?

Flora balança a cabeça em sinal positivo. Dona Carla olha para e neta enquanto ela encara o celular.

DONA CARLA (CONT'D)

Tua mãe te deu notícia?

FLORA

Nem vi.

Dona Carla se levanta da máquina.

DONA CARLA

Vem aqui.

Flora guarda o celular.

INT. QUARTO DE DONA CARLA - NOITE

Dona Carla abre uma gaveta de uma cômoda de madeira e tira um álbum de fotografias. Ela senta na cama e faz sinal para que Flora se sente ao seu lado.

DONA CARLA

Essa aqui tu sabe quem é?

FLORA

É minha mãe?

DONA CARLA

Na missa de crisma.

Dona Carla passa algumas páginas do álbum.

DONA CARLA (CONT'D)
Isso aqui que queria te mostrar, ó.

Flora vê uma foto de sua mãe dançando em uma quadrilha junina.

DONA CARLA (CONT'D)
Tua mãe gostava de dançar quando era mais nova. Dançava todo ano antes de ir embora. Teve um ano que ela foi a noiva.

Dona Carla aponta para a foto e Flora a admira.

DONA CARLA (CONT'D)
Será que tu pega gosto em quadrilha que nem ela tinha?

Flora recua.

FLORA
Eu fiquei lá só pra dar uma olhada mesmo.

DONA CARLA
Mas tu gosta de dançar, num é? Sua mãe assuntou comigo.

FLORA
É muito diferente.

DONA CARLA
Olha, tenho certeza que dá pra aprender, se quiser.

Dona Carla levanta da cama.

DONA CARLA (CONT'D)
Você pode qualquer coisa.

Flora olha novamente o álbum. Dona Carla se encaminha para a porta do quarto, mas para. Flora tira o olhar do álbum e olha para frente, com olhar perdido.

DONA CARLA (CONT'D)
Tá tudo bem, fia?

Flora pisca e se levanta.

FLORA
Tá sim, vó. Só tô cansada.

DONA CARLA
Pois vá banhar e se deitar.

Dona Carla sai do quarto. Flora pega o celular e olha para a tela.

INT. GINÁSIO DE TREINO - DIA

Em uma quadra poliesportiva estão cerca de 25 pessoas de idades variadas, mas majoritariamente jovens. Elas dançam em pares, as mulheres com volumosas saias, ao som de um forró que sai de uma caixa de som. Os homens vão para um lado, as mulheres para o outro; todos se entrelaçam aleatoriamente; os pares voltam a ser formados e trocados entre si.

Flora e Joana veem essa movimentação da entrada do ginásio. Flora está muito atenta à dança.

JOANA

Tu nunca dançou quadrilha mesmo não?

FLORA

Não.

JOANA

Nem na tua escola de lá?

Flora acena negativamente com a cabeça.

As duas atravessam a quadra e se aproximam de uma área menor um pouco mais afastada. Nesse lugar estão cerca de sete pessoas, entre elas, JUSSARA (19 anos), irmã de Joana e João (33 anos). Eles e os demais estão com papéis em suas mãos lendo e interagindo entre si. Jussara vê a irmã e faz sinal para esperar.

Joana aponta para Jussara.

JOANA (CONT'D)

Minha irmã ali. Ela vai ser a noiva esse ano.

FLORA

Ela vai casar?

Joana ri.

JOANA

Que casar o que. É que toda quadrilha tem um casamento. É uma encenação... Tu vai ver.

FLORA

Ok.

O ensaio encerra e Joana e Flora se aproximam.

JUSSARA

Tá fazendo o que aqui, Joana? Avisou pra mãe?

JOANA

Relaxa, tá tudo de boa. Essa aqui é Flora, ela é nova lá na escola.

As duas se cumprimentam.

JOANA (CONT'D)

Trouxe ela pra dançar. Ainda dá tempo pra esse ano?

Flora franze a testa.

FLORA

O quê? Não, não. Eu não danço assim não.

JOANA

Até parece.

JUSSARA

Tem que ver com João.

Jussara faz sinal e João se aproxima com um prancheta em suas mãos.

JUSSARA (CONT'D)

Ainda tem vaga pra dançar esse ano?

JOÃO

Oi, Joana. Decidiu dançar com a gente?

Joana aponta para Flora.

JOANA

É Flora quem quer.

Flora franze a testa.

JOÃO

Sabe dançar, Flora?

JOANA

Ela aprende é ligeiro!

João olha para Flora.

JOÃO

Pois passe aqui amanhã que a gente vê isso direito.

Flora olha para Joana, que a encara de volta.

FLORA

Tá bom.

JUSSARA

Agora bora pra casa que eu tô com fome e mãe vai é brigar comigo porque tu não chegou ainda. Bora.

Joana sorri e sai com sua irmã.

EXT. CALÇADA CASA DONA CARLA- DIA

Dona Carla está sentada em uma cadeira de balanço na calçada de casa. Maria chega de moto, desce e tira o capacete.

MARIA

Bença, mãe.

DONA CARLA

Deus te ilumine. Como que foi?

MARIA

Ai. Não é lá essas coisas, mas vou conseguir ajudar a senhora em casa.

DONA CARLA

Não é pra se preocupar com isso.

MARIA

E como ela tá?

DONA CARLA

Não saiu do quarto.

Maria avança para entrar na casa. Dona Carla olha a moto.

DONA CARLA (CONT'D)

Teu pai abandonou essa moto faz é tempo.

Maria olha para a mãe e entra em casa.

INT. CORREDOR CASA DE DONA CARLA - DIA

Maria se aproxima da porta do quarto da filha, que está quase fechada e a escuta ao telefone.

FLORA

... bem eu não tô, né... ah, claro, você acha que é fácil. Queria ver você no meu lugar... sozinha eu não consigo... não, cara! Por que você tá assim? Que saco.

Maria se aproxima e Flora percebe sua presença.

FLORA (CONT'D)

... depois a gente se fala.

Flora desliga a chamada.

MARIA

Oi, filha. Deu certo.

Flora levanta as sobrancelhas e dá um sorriso murcho.

FLORA

Sério...? Legal, mãe.

MARIA
Vem lanchar.

Maria fecha a porta, Flora se deita na cama, põe as mãos nos seios e olha para eles. Ela pega um travesseiro e o abraça forte.

INT. GINÁSIO DE TREINO - DIA

MONTAGEM

Flora aprende os passos básicos da dança com auxílio de João e dos outros dançarinos e Joana a acompanha da arquibancada, animada.

Flora interage sorridente com os novos colegas de quadrilha na quadra.

Joana e Flora estão na arquibancada do ginásio lanchando e conversando.

Flora erra enquanto aprende novos passos no treino da quadrilha e João a corrige.

Joana animada na arquibancada torcendo pela amiga.

Flora troca de par, destroca e segue na coreografia.

Alguns participantes do ensaio se juntam a Flora e Joana na arquibancada e interagem entre si.

FIM DA MONTAGEM

INT. QUARTO DE FLORA - DIA

Flora e Joana estão sentadas no chão do quarto envoltas de papéis crepom de várias cores. Elas cortam os papéis em formatos de bandeirolas.

JOANA
Minha irmã quando começou, entrou como reserva também. Esse ano é a primeira vez dela como noiva.

FLORA
Sério?

JOANA
Aham. E tem é chão ainda pra competição, pode acontecer de tudo.

FLORA
Eu tô cortando certo?

Flora levanta e mostra a Joana uma bandeirola que acabou de cortar.

JOANA

Perfeito. Vamo fazer mais dessa que tem menos.

Joana pega mais um papel para cortar.

JOANA (CONT'D)

Eu reparei foi uns dançarinos lá te queixando essa semana.

Flora franze a testa.

FLORA

Queixando?

JOANA

Paquerando, oxe.

FLORA

Sei disso não.

JOANA

Tu tinha namorado lá?

FLORA

Mais ou menos. É complicado...

Joana franze a testa. Maria abre a porta do quarto.

FLORA (CONT'D)

Já vamos, mãe.

Maria repara nas bandeirolas espalhadas pelo chão e sorri.

MARIA

Já fiz muito isso antigamente.

JOANA

A senhora era de quadrilha? Flora nem comentou nada.

Maria olha para Flora, que não olha de volta.

MARIA

Venham comer, vai esfriar.

FLORA

Tem o que pra comer?

Maria franze a testa.

MARIA

Oxe. Tua avó fez chapéu de couro.

Flora bufa.

JOANA

Aí dei valor! Tia, quer comprar uma
(MORE)

JOANA (CONT'D)
rifa pra ajudar a gente, não?

61

MARIA
Hmm. É rifa de que?

JOANA
É um bode, tia.

Maria franze a testa.

MARIA
Ave maria. Você tá vendendo também,
filha?

FLORA
Aham.

MARIA
Tira aí cinco números pra mim de cada
uma.

Joana sorri.

JOANA
Brigada!

FLORA
Valeu, mãe.

Maria cerra os olhos, bufa e sorri.

INT. VESTIÁRIO DO GINÁSIO DE TREINO - DIA

Flora está sentada no vestiário tirando os sapatos. Jussara chega.

JUSSARA
Ei, mulher. Parabéns, viu? Arrasou
demais hoje.

Flora dá um sorriso.

JUSSARA (CONT'D)
Faz um favor?

Jussara entrega para Flora uma grande mochila.

JUSSARA (CONT'D)
Leva lá pra casa pra mim?

FLORA
Você não vai pra lá agora também, não?

Jussara dá um sorriso.

JUSSARA
Vou ver um "boyzin" pra dar uma
(MORE)

JUSSARA (CONT'D)
 distraída antes da apresentação. Não
 fala pra Joana nem pra mãe.

62

Flora também sorri.

FLORA
 Pode deixar.

Jussara sai. Flora pega a mochila.

EXT. SAÍDA DO GINÁSIO - DIA

Flora sai do ginásio e caminha pela calçada. Um HOMEM alto e jovem vem na direção oposta. Quando se cruzam, ele agarra a mochila que Flora carrega e puxa, mas Flora segura.

Ele continua puxando tentando fazer ela soltar, mas Flora resiste. A mochila se abre e o VESTIDO DE NOIVA cai no chão. Flora também cai. Rapidamente, o ladrão pega o vestido e sai correndo.

Flora se levanta devagar e está com a respiração pesada. Ela põe a mão da barriga, olha para o homem, mas ele já está longe. Flora segue pelo caminho oposto, em direção a sua casa.

INT. COZINHA DONA CARLA - DIA

Flora entra em casa. Dona Carla e Maria estão almoçando na mesa.

DONA CARLA
 Oxe, num foi pra casa de menina, não?

Flora respira ofegante e se senta à mesa.

DONA CARLA (CONT'D)
 Pega ali um prato pra ela, Maria.

Maria observa Flora.

MARIA
 O que foi, filha?

Flora encara a mesa e começa a chorar.

FLORA
 Tá dando tudo errado.

MARIA
 Fala comigo.

Flora olha para a mãe, se levanta e sai.

INT. QUARTO DE FLORA - DIA

Flora está encolhida no canto da cama. Maria abre a porta.

MARIA
Quer conversar?

FLORA
A gente pode voltar?

Maria respira fundo.

MARIA
Você sabe que não tem como.

Maria se aproxima da filha e senta ao seu lado.

MARIA (CONT'D)
No começo assim é difícil mesmo, mas
você vai se acostumando.

Com os olhos cheios de lágrimas, Flora funga.

FLORA
Você não sabe de nada. Você não sabe
de nada. Você não sabe de nada!

Maria franze a testa.

MARIA
Calma, filha. Fala comigo.

Flora, aos prantos, põe a mão no ventre e olha para a mãe.

FLORA
Eu não sei o que eu faço.

INT. COZINHA DONA CARLA - DIA

Dona Carla está lavando a louça do almoço. Maria chega.

MARIA
Mãe, preciso da sua ajuda.

DONA CARLA
A menina tá bem?

MARIA
A senhora ainda tem minhas coisas
guardadas?

INT. SALA DE DONA CARLA - DIA

Batem à porta da casa. Flora, com os olhos avermelhados, abre. Joana e Jussara estão do lado de fora com feições assustadas e preocupadas. Elas entram na casa.

FLORA
Sentem aqui.

Flora aponta para o sofá. Maria chega com dois copos d'água.

MARIA

Aqui.

JUSSARA

Você se machucou?

FLORA

Machuquei não. Foi só o susto.

JOANA

Tô achando que foi alguém da outra quadrilha que roubou.

MARIA

Eita. Será? Quando eu dançava sempre teve rixa de grupo, mas nunca a esse ponto.

JUSSARA

Eu tô lascada.

Dona Carla entra na sala com o VESTIDO DE NOIVA DE MARIA de quadrilha junina em suas mãos.

MARIA

Continua lindo, mãe.

Maria olha para Flora, que está abatida.

DONA CARLA

Um dos meus melhores trabalhos. Você não quis levar, eu guardei.

Maria cerra os olhos para a mãe.

DONA CARLA (CONT'D)

E agora vai servir pra mais uma noiva.

FLORA

Brigada, vó.

Flora dá um leve sorriso para a avó. Dona Carla olha para Jussara.

DONA CARLA

Vamo ali testar, menina. Acho que vai precisar de uns pontos...

Jussara se levanta.

JUSSARA

Muito obrigada, Dona Carla. A senhora é uma salvadora!

Dona Carla bufa e abre um sorriso. Ela vai em direção à máquina de costura.

JUSSARA (CONT'D)

Flora, tá todo mundo já indo pra concentração pra se arrumar lá. Pode ir logo que quando o vestido ficar pronto, eu vou direto.

Jussara olha para Joana.

JUSSARA (CONT'D)

Se quiser ir também, a gente se encontra lá.

JOANA

Beleza.

Maria olha para Flora.

MARIA

Mais tarde te encontro lá, filha.

Maria vê a filha saindo de casa com a amiga.

EXT. ARENA DE FESTA JUNINA - FIM DE TARDE

Várias tendas e quiosques se espalham pelo terreno aberto. São vendidas comidas típicas juninas, como baião de dois, canjica, milho, bolos e cocadas.

Há bandeirolas penduradas sobre as tendas por toda a extensão do terreno. Barraquinhas de tiro ao alvo, pescaria por prêmio, estalinhos e de outros artifícios com pólvora podem ser encontradas.

A música típica de forró é ouvida sendo tocada pelo trio tradicional de músicos que se apresentam em um palco.

Crianças se divertem jogando estalinhos pelo chão na tentativa de assustar adultos. A luz alaranjada dos postes começa a iluminar o ambiente.

INT. CONCENTRAÇÃO DA QUADRILHA - NOITE

Os membros da quadrilha estão espalhados embaixo de uma grande tenda enquanto se vestem com suas roupas coloridas e uniformes, com exceção de alguns.

Uns dois pares relembram alguns passos no canto da tenda. Flora está sendo maquiada. Joana entra na tenda e se aproxima de Flora.

JOANA

Tu viu Jussara?

FLORA

Deve tá por aí.

JOÃO está vestido com uma roupa cheia de enfeites e chapéu de palha. Agitado, se aproxima de Flora e Joana.

JOÃO
Cadê Jussara?

INT. SALA DE DONA CARLA - NOITE

Dona Carla ajusta o vestido na altura da cintura de Jussara. Maria chega com um tubo de linha branca.

JOANA (V.O.)
Ela ficou só de ajustar o vestido com a vó da Flora... mas já dava tempo de ter chegado.

INT. CONCENTRAÇÃO DA QUADRILHA - NOITE

JOÃO
Ai, meu deus. A noiva tá atrasada e eu nem sei como é o vestido. Me ajuda, meu são Pedro!

FLORA
O vestido é incrível, isso eu posso garantir.

JOÃO
Mas num adianta de nada um vestido incrível se ele não tá aqui. Nem a noiva pra tá dentro dele!

INT. SALA DE DONA CARLA - NOITE

Os celulares de Jussara e Maria vibram, mas elas não notam. Dona Carla põe alguns enfeites no vestido.

JOANA (V.O.)
Eu vou ligar pra ela aqui.

JOÃO (V.O.)
Não atende.

FLORA (V.O.)
Vou ligar pra minha mãe.

INT. CONCENTRAÇÃO DA QUADRILHA - NOITE

Uma voz saindo de caixas de som anuncia a entrada da primeira quadrilha a competir.

JOÃO
Valei-me, minha nossa senhora! Agora pronto! É esse ano que a gente não se apresenta.

EXT. RUA DE DONA CARLA - NOITE

Maria sobre na moto e põe o capacete. Ela acelera.

INT. CONCENTRAÇÃO DA QUADRILHA - NOITE

FLORA
Não tá atendendo.

JOANA
Será que tá tudo bem?

Ouve-se um barulho de moto se aproximando pelo caminho próximo à entrada da tenda da concentração. Inicia-se um burburinho e um dançarino aponta para a entrada.

João, Flora e Joana olham na direção apontada e lá estão Maria e Jussara. Maria desliga a moto e Jussara desce usando o vestido de noiva, deslumbrante. Jussara vai em direção a João.

JOÃO
Realmente maravilhoso! Mas vamo que o tempo é curto. Corre pra maquiagem!

João puxa Jussara pela mão e Joana os acompanha. Maria se aproxima de Flora, que tem um semblante entristecido.

MARIA
A última vez que eu dancei quadrilha, eu era só um pouco mais velha que você. Foi o ano que eu conheci teu pai.

Flora se atenta à mãe.

MARIA (CONT'D)
Passou pouco tempo e eu fiquei grávida. Teu avô ficou possesso e fez a gente se casar. Tu quase teve um irmão...

Maria começa a chorar e funga.

MARIA (CONT'D)
Aí depois a gente decidiu ir tentar a sorte em São Paulo e deus me deu você.

FLORA
Eu não sabia que foi assim.

MARIA
Eu te entendo. Tua avó te ama. Eu te amo. Nem tudo é do jeito que a gente quer, mas a gente precisa fazer o melhor com o que a gente pode.

Flora está com os olhos marejados.

MARIA (CONT'D)
O que é que você quer fazer agora?

FLORA

Ele queria me levar num médico lá pra resolver. Mas a gente veio pra cá.

MARIA

O que você quer, filha?

Flora olha para a mãe, que está chorosa. Flora abraça Maria.

FLORA

Me ajuda.

Maria beija a filha.

Há uma movimentação dos participantes da quadrilha que se preparam para entrar no espaço da apresentação. João faz sinal para Flora se aproximar do grupo. O abraço das duas termina. Maria enxuga as lágrimas.

MARIA

A gente vê isso de cabeça fria, tá bom?

Maria olha para o grupo de quadrilha que se prepara para entrar na área de apresentação.

MARIA (CONT'D)

Você vai?

Flora mexe a cabeça em sinal positivo e se afasta da mãe.

FLORA

Obrigada.

EXT. ÁREA DE APRESENTAÇÃO - NOITE

Uma grande arena de terra batida cercada por decorações coloridas está ao lado de uma arquibancada lotada.

Joana está na arquibancada ao lado de Maria. Dona Carla se junta a elas com um bode que segura por uma corda. O grupo de dança de Flora é anunciado.

INT. CONCENTRAÇÃO DA QUADRILHA - NOITE

Todos os pares estão alinhados e João e Jussara estão a frente de todos.

JUSSARA

É agora!

Todos vibram. Flora está ao lado de seu par. Ela tem os olhos levemente vermelhos. Flora respira fundo e abre um discreto sorriso.

Os participantes caminham sincronizadamente em direção à área de apresentação. Aos poucos, a luz da arena vai iluminando a todos à medida em que seus pés tocam a terra. A música

explode e todos gritam. A poeira sobe.

INT. QUARTO DE DONA CARLA - NOITE

Toda a tela é ocupada por uma imagem estática de Flora do dia da competição. Aos poucos, pode-se ver ela ao lado de seus companheiros dançarinos e um troféu ao centro de todos.

Essa imagem se mostra como uma fotografia no álbum de fotos de Dona Carla. Ela está ao lado da foto de Maria vestida de noiva de quadrilha quando mais nova.

FIM.